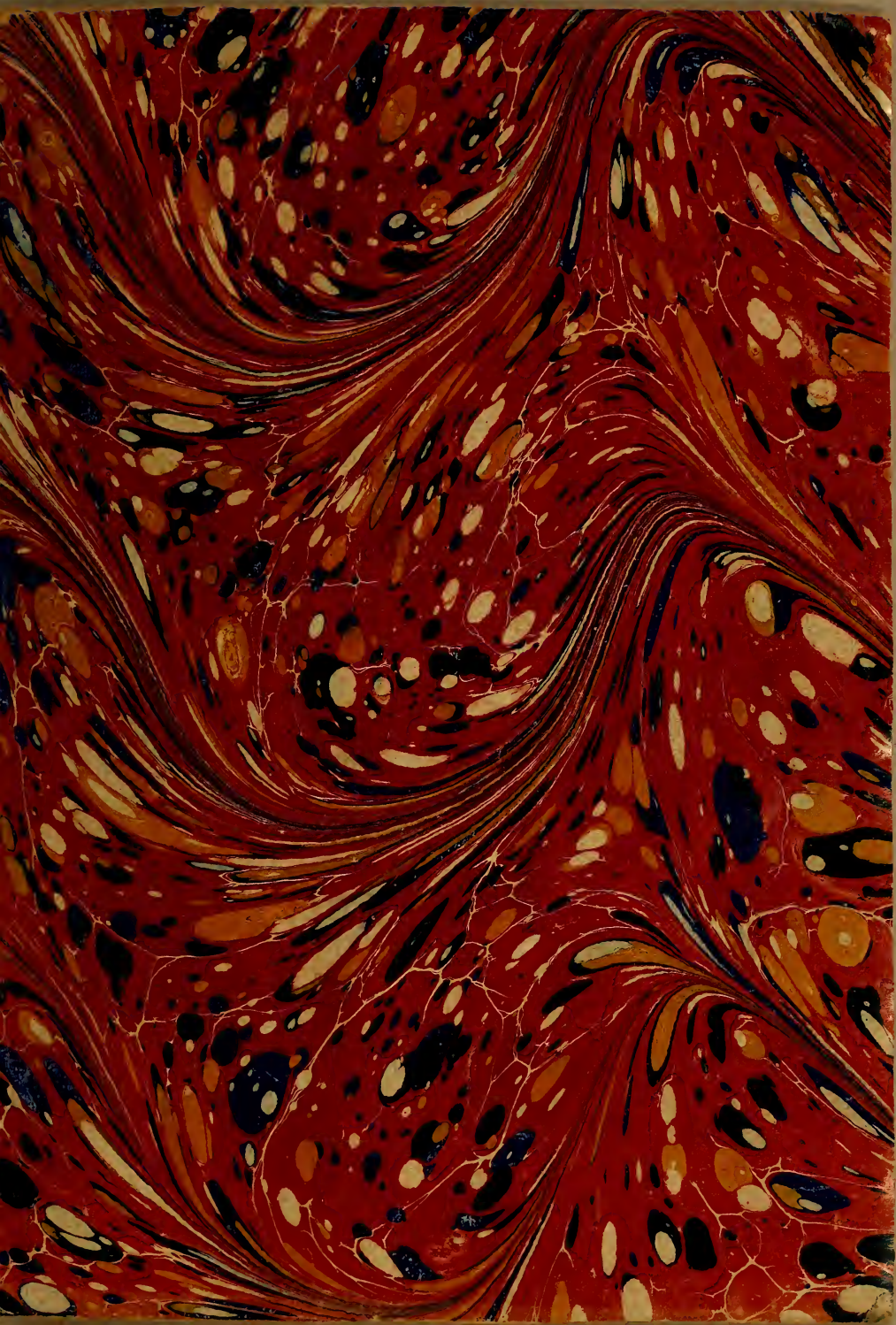
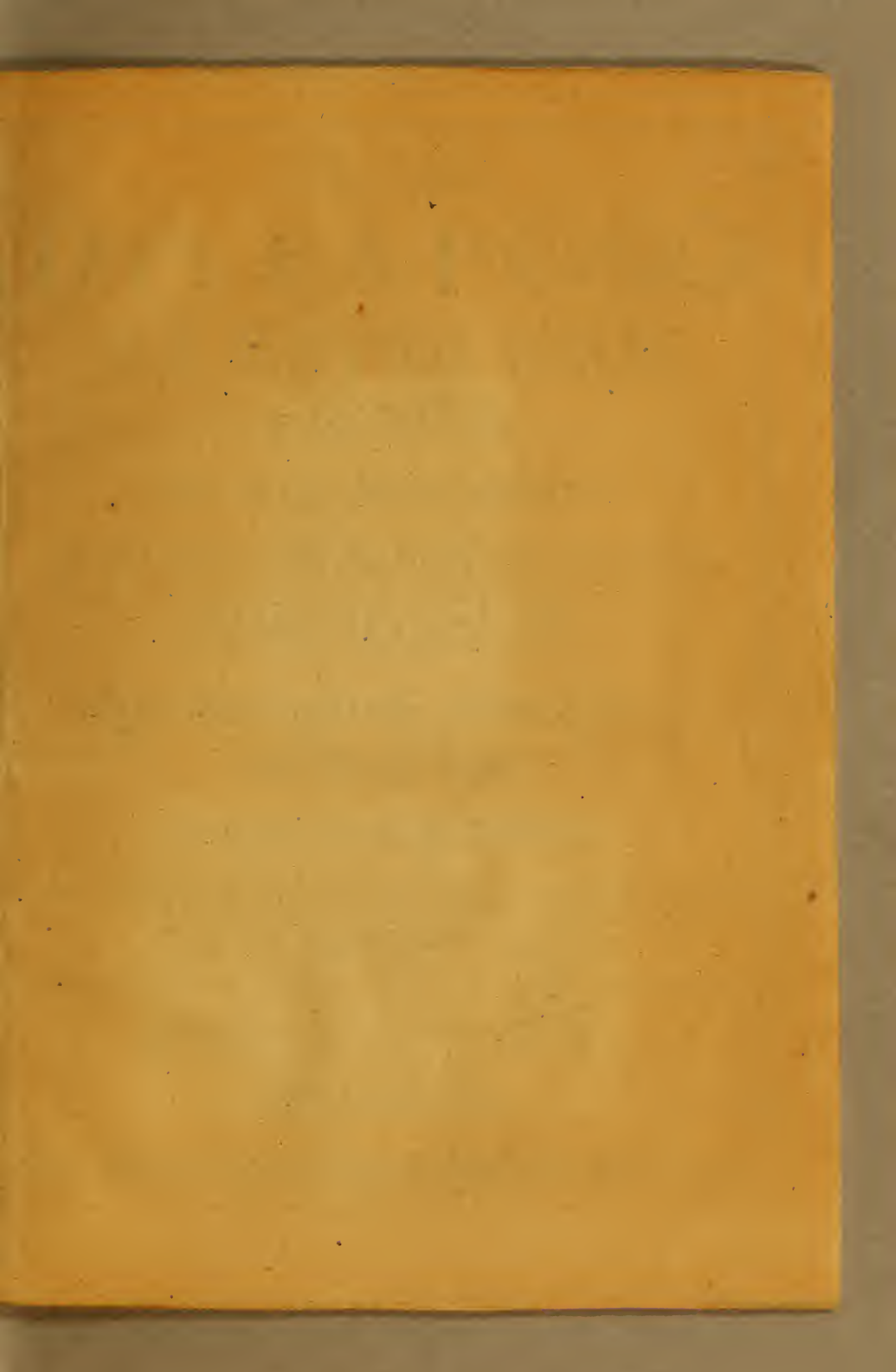
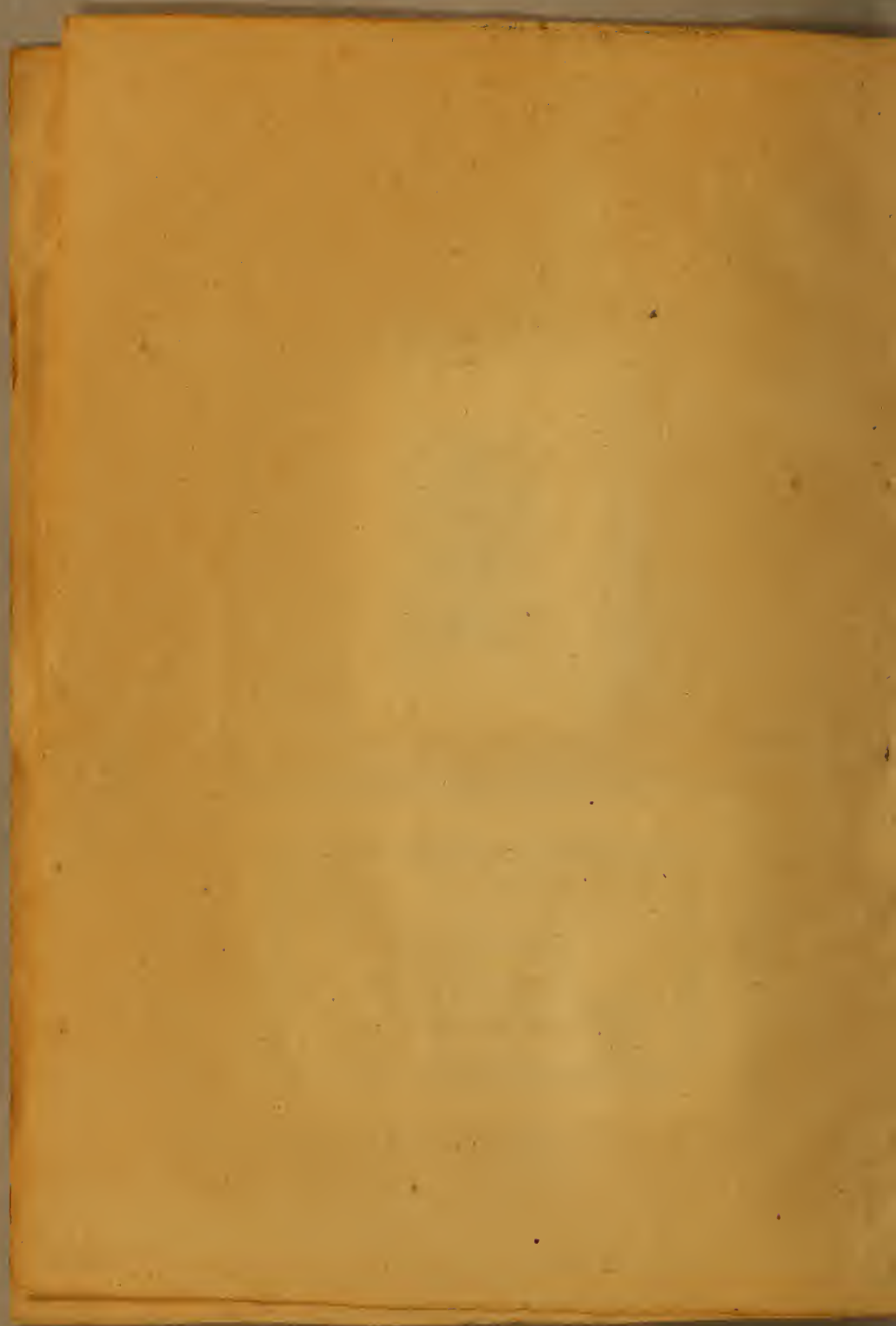








SERMAM

DO ESPOSO

DA MAY DE DEOS

S. IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS

DELREY NOSSO SENHOR

DOM IOAM IV.

Que Deus guarde por muytos ,
& felicissimos.

Pregon o na Capella Real

O P. ANTONIO VIEIRADA COMPANHIA
de I E s v Prègador de S. Magestade.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA

Por Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.

Ioseph fili David noli timere. Math. i.



ONHOV Ioseph [Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos] G enes. 37.
sonhou Ioseph, o que depois foy Vizo-
rey do Egypto, que o Sol, a Lua, as es-
trellas abatendo do Ceo a terra a Ma-
gestade luminosa de seus resplâdores,
humildemente postrados o adorauão.

Quis interpretar este sonho seu pay, & disse, q̃ elle Iacob
era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubẽ
a Benjamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em q̃
Deus o leuantaria a tão soberana fortuna que seu mesmo
pay, sua mãy, & seus irmãos, com o juelho em terra o ado-
rassem. Os Doutores communmente tem esta interpretaçã
do sonho por verdadeira; mas o certo he que hum Ioseph
foi o que sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Io-
seph que sonhou foi Ioseph o filho de Iacob; o Ioseph so-
nhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Ia-
cob sonhou somente; porque ainda que digamos, que em
seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he
certo q̃ em Rachel sua mãy lhe faltou a adoração da Lua,
porque quando Iacob, & seus filhos adoraraõ a Ioseph no
Egypto ja era morta Rachel, & ficaua sepultada em Belẽ.
Segue-se logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foi
Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriraõ ca-
balmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol
porque a titulo de sogeição filial lhe guardou reuerencia,
& acatamento o mesmo Sol de Iusticia Christo: *¶ erat* Luc. 2.
subditus illis: adorou a Ioseph a Lua, porq̃ o titulo de ver-
dadeira esposa lhe deu eo, obediencia, & amor aquella se-
nhora, que he como a Lua fermoza: *pulchra ut Luna:* adora-
raõ a Ioseph as Estrellas porque o titulo, ou reputaçã de
pay de seu Mestre, o respeitarão com grande veneraçã Cant. 6.

os Appostolos, aquelles de quem diz o Spirito Santo: *Ful-*
gebunt quasi stella in perpetuas aternitates. E quando sò a Vir-
gem Maria adorassê a Ioseph seu espozô, nesta sò adoraçã
se cõpria todo o sonho inteiramêre; porq̃ nella o adoraua
o Sol, nella a Lua, nella as Estrellas: o Sol. *Mulier amicta Sole,*
a Lua, *Luna sub pedibus eius,* as estrellas, & *in capite eius corona*
duodecim Stellarum.

Este he S. Ioseph, senhor, & este he o soberano Planeta, q̃
predominou neste fermoço dia, dia em que com o feli-
cissimo nacimiento de V. Mag. naceu outra ves aos Portu-
gueses a esperança, ao Reyno aliberdade, & Portugal a sy
mesmo. Iusto era que ao nacimiento de tão grande, & nouo
Rey melhorassê suas cõstellaçõs o Ceo, & lhe assitissê no-
uos, & mayores Planetas, Nos nacimêtos dos outros Princi-
pes & Monarchas do mûdo, ou predomina o Sol, ou predo-
mina a Lua, ou predomina algũa das Estrellas; mas neste
nacimêto singular, para q̃ fosse mais felice q̃ todos, predo-
minou hum Planeta nouo, & superior, aquê o Sol, aquem a
Lua, aquê as estrellas adoraõ. Parecerá isto modo de fal-
lar, & cõsideraçã sò minha, mas he doutrina muy assen-
tada, não menos q̃ de ddo antiquissimo Tortuliano. Notou
este grande Doutor, q̃ os Magos no nacimiento de Christo
não renũciaraõ a astrologia, mudaramna. Antes de Chris-
to nacer obseruaõse as estrellas do Ceo, depois de seu
nascimento obseruaõse as estrellas de Christo. *De Christo*
est Matheſis hodie, Stellas Christi non Saturni, & Martis obseruat.
Parece que para este dia forão cortadas estas palauras. *De*
Christo est Matheſis hodie: a astrologia do dia de hoje he de
Christo: *Stellas Christi non Saturni, & Martis obseruat:* não
obseruamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos iui-
zos sã tam errados como fabulosos seus nomes; obserua-
mos hũa Estrella de Christo, Estrella aquem todas demais
adoraõ, que he, não Ioseph o filho de Iacob, senão Ioseph
o filho de Dauid: *Ioseph fili Dauid noli timere.*

Sendo pois tam superior a Estrella deste dia, sendo tão
diuino o planeta deste nacimiento, quaes seraõ, ou quaes
seriaõ

serião suas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigaçoens desta solemnidade, & para que com deuoto agradecimento conheçamos os Pottuguezes o muyto, que deuemos ao diuino Esposo da Virgem, pretendo mostrar loj, com algũa euidencia, que a liberdade a que este Reyno se restituiu, & todos os bens, que com ella gozamos, são & foraõ influencias de Sam Ioseph. Tudo o que auia mister, & tudo o que podia dezejar influyõ neste seu dia a Portugal este soberano Planeta. Tudo o que Portugal ha- uia mister, & tudo o que podia dezejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque ainda que na realidade hũa, & outra cousa tinhamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o Rey sem Reyno, era Rey. Pois que fez neste seu dia Sam Ioseph? para que o Rey tiueisse Reyno influiu ao Reynõ restituição de liberdade. E para que o Reyno ti- ueisse Rey influiu ao Rey calidades, & perfeiçoẽs Reaes. Esta será a materia. Para fundamento, & proua de toda el- la, não quero mais que ametade das palauras do thema: *Ioseph fili Dauid*. Todas as palauras do Euangelho serão pro- ua destas duas: & estas duas palauras serão reposta de to- das as duuidas do Euangelho.

Ioseph fili Dauid noli timere.

E Stando cuidadoso, & affigido Sam Ioseph entre as perplexidades do Mysterio da Encarnação, cu- jos effeitos via, & cujas causas ignoraua, diz o nosso Euangelista, que lhe appareceu hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili Dauid noli timere*. Ioseph filho de Dauid não temas. Depois pode ser que pondere, o não temas, agora reparo somente no filho de Dauid. Filho de Dauid Ioseph a estas horas! cômque fundamento? se a soberania daquella prosapia estaua ja tam enuelhecida, ou tão enuilecida em Ioseph, que o sceptro Real de Dauid pella injuria, & inconstancia dos tempos tinha ja degenerado

em suas mãos a instrumentos mecânicos, como lhe chama
 filho de Dauid o Anjo? chame-lhe o que he, não lhe chame
 o que foi, que isso ja não lembra. São Pedro Chrysologo
 respondeu a esta duvida cõ hũas palauras, q̃ sendo escritas
 em Italia ha oitocêtos annos, parece, que se escreuerão
 em Portugal de tres a esta parte. *Videtis fratres in persona ge-
 nus vocari, videtis in vno totam prosapiam nuncupari, videtis in
 Ioseph seriem dauidici stemmatis iam citari. Trigesima octaua ge-
 neratione natus quomodo Dauid filius dicitur, nisi quia gentis ape-
 ritur arcanum, fides promissionis impletur.* Largas mas diuinas
 palauras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de Dauid sen-
 do a trigessima oitaua geração daquelle Rey (dis Cryso-
 logo) para que se lembrasse o Santo das profecias antigas,
 & entendesse que o Reyno de Israel tiranizado pellos Ro-
 manos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo
 successor, conforme o iuramento feito a el Rey Dauid pri-
 meiro fundador daquelle Coroa: *Iurauit Dominus Dauid ve-
 ritatem & nō frustrabitur eū de fructu ventris tui ponā super sedē
 tuam.* Donde he bem que notemos as palauras do iurá-
 mento, nas quais diz Deos a Dauid, que o fruto do seu vên-
 tre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui
 ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũa Raynha
 parece, que estaua dito com propriedade: o fruto do teu
 ventre se tornará a assentar no trono Real; mas fallado cõ
 hum Rey? fallando com Dauid? sy: porque como diz San-
 to Ireneo Tertulliano, & S. Agostinho, quis Deos signifi-
 car, que quando o Reyno se restituisse hauia de ser
 preferindo a linha feminina à masculina, como verdadei-
 ramente aconteceu, porque ainda que Ioseph, & Maria
 erão filhos de Dauid, Christo q̃ foi o Rey prometido era
 filho de Dauid por Maria, & não por Ioseph. O caso he
 tão semelhante ao do nosso Reyno, que não necessita de
 acomodação. De maneira que temos a restauração de hũ
 Reyno tiranizado, restituído depois de muytas gerações
 a seu legitimo Senhor preferindo na successão a linha
 feminina à masculina, & tudo conforme as profecias anti-
 gas

Iren.
 Tertul.
 August.

gas, & iuramêto do primeiro fundador do Reyno. Ha propriedade mais propria? pois estas forão as primeiras influencias do nosso grande Planeta. Para que o Rey, que hoje nacia tiuesse Reyno, influir ao Reyno restituição de liberdade. E ninguem me diga que se não proua, que forão isto influencias suas; porque os Planetas quando dominão influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & estas as calidades de S. Ioseph, não se pode negar q forão estas suas influencias.

Esta he a primeira rezaõ do *fili David*. Para a segûda difficulto as mesmas palauras com diuersa ponderação. Este Anjo que aqui appareceo a S. Ioseph, tornoulhe a apparecer outras tres vezes: appareceulhe em Belem quando lhe notificou que se desterrasse para Egypto: appareceulhe em Egypto quando o auisou da morte de Herodes: appareceulhe no caminho de Iudea, quando o assegurou, que podia ir viuer a Nazareth; & de todas estas vezes nenhũa lemos que lhe chamasse filho de Dauid. Pois se este titulo de filho de Dauid o não dá o Anjo em nenhũa outra occasiã a Sam Ioseph, neste caso de sua perplexidade porque lhe chama Ioseph filho de Dauid: *Ioseph fili David noli timere?* Varias razoens dão os Santos, eu darei tambem a minha, porque a quero prouar. Chamou o Anjo a S. Ioseph nesta occasiã filho de Dauid; porque se ouue o Santo nesta tão difficultosa acção com tanta realeza de animo, que bem mostraua, que ainda que a fortuna lhe tirara a coroa da cabeça, tinha muyto de Rey no coração. Chamoulhe filho de Rey, porque vio que se portara muyto como Rey. Esta foy a segunda influencia, que disiamos do nosso Planetta Ioseph neste seu dia. Para, que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeições Reais. Bem conheço que parece cousa difficultosa na acção de huns ciumes formar a idea de hum Principe perfeito, mas o descursso me desempenharà, & não nos hade desajudar o Euangelho. Vamos com elle.

Ioseph autem cum esset vir iustus, & nollet eam traducere voluit occulte

Matth. 2.

Numer. 19

Numer. 22

occulte dimittere eam. Diz o Evangelista, que vendo São Ioseph os indícios tão manifestos da Conceição de sua esposa, que como fosse varão iusto, & a não quisesse entregar á justiça, para q̃ a castigasse conforme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diante. Hũa grande implicação parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quis entregar á Justiça porque era iusto? se dissera que a não quis entregar á Justiça porque era piadoso, então parece que estaua mais propriamente aduertido. Perdoar, não accusar são actos de piedade, não são actos de Justiça. Pois porq̃ troca o Evangelista os termos, & enues de chamar a Ioseph piadoso lhe chama justo: *Ioseph autem cum esset vir iustus?* Chama o Evangelista a S Ioseph, justo, quando fazia hũa tão grande acção de piedade; porque como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili David*, tinha obrigação de Justiça a ser piadozo; & quem tem obrigação de Justiça a ser piadoso, quando he piadozo he justo. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he Justiça.

Quiz o bom Ladrão q̃ vsasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi: *Domine memento mei cum veneris in Regnum tuum.* Senhor lembrai-vos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque não? Aquem tanto padecia não lhe estaua melhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estaua. Pois porque não dis lembrai-vos, Senhor, de mi agora, senão depois de chegares a vosso Reyno? A rezão foy, diz Sam Chrisostomo, porque a lembrança, & piedade, que o ladrão pedia antes de Christo ser Rey era fauor, que lhe podia fazer, depois de ser Rey era Justiça, que lhe não podia negar. Foi tam astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petição de misericordia, quis que fosse o seu despacho de Justiça. & como os Reys tem obrigação de Justiça a ser piadosos, por isso disse lembrai-vos, Senhor, de my, não antes, senão depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era Justiça. He verdade que a miseria, que o ladrão padecia

padecia era presente: mas como a misericordia, que esperava, antes de Christo Reynar, era voluntaria, & depois de reynar, deuida; por isso regulou sabiamente o seu requerimento, não pelo tempo, em que experimenta em sy a necessidade, senão para o tempo, em q̃ consideraua em Christo a obrigação. *Cum ueneris in Regnum tuū.* Não peço a piedade para agora, senão para depois que estiueres no vosso Reyno; porque ainda que eu a não mereço agora, por ser culpado, vos ma denereis depois, por seres Rey. E Christo que ja na Cruz era Rey, & Christo que ja na Cruz estaua no seu Reyno, que he o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.* O ladrao pedia a piedade para depois, porque cuidaua que Christo ainda não era Rey, & Christo concedeu-lhe a piedade logo, para mostrar, q̃ ja o era. Hoje, hoje estaras comigo no paraizo. Como se dissera o senhor. Pedes-me piedade a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta deno; Rey sou. E se a piedade nos Reys he deuida, se a piedade nos Reys he iustica: que muito que se chame iusto, quando foi piadozo, quem tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili David.* Sendo piadoso foi iusto, porque perdoando a offensa, q̃ suspeitaua, pagou o que deuia a quem era. O perdã de sua elpoza, forão obrigações de seu pay: *Ioseph fili David.*

Et nollet eam trahere, voluit dimittere eam. Não a quis entregar á Iustica, quis deixala, & irse. A segunda cousa em que S Ioseph mostrou ser filho de Dauid, foy aquelle *nollet*, & aquelle *voluit.* Quis deixala, & não a quis entregar. Quis, & não quis? O quanto tēdes de Rey, diuino Ioseph! Em nenhũa coiza se mostra mais o ser de Rey, que em ter q̃ querer, & ter não querer. A liberdade da vontade humana, como dizem os Theologos, consiste em hũa indifferença, que se chama quero, ou não quero. Tal hade ser a vontade Real: liure, & não fogueita. O Principe nem hade ter a sua vontade fogueita a outrem, nem hade estar fogueito á sua vôtade. Se tē a sua vontade fogueita a outrem, não he Rey dos seus, se estã fogueito á sua vontade, não he Rey de sy. Pois para Reynar sobre sy, & sobre os seus, hade ter a von-

tadê em hũa indifferença tão liure, & tão senhora, q̃ seja seu o querer, & seu o não querer: *nollet voluit.*

1. Reg 18. Quis Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senão a David. Pois porque rezão a David, & não a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generoso, muyto liberal muyto benigno, muyto esfoçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que para o respeito dos vassallos importa muyto. David pello contrario era hum pastor, filho de outro, dequê se não sabiaõ mais talẽtos que atirar hũa funda, & tocar hũa arpa. Pois porque deferda Deos a Ionatas, & da a Coroa a David? Eu o direi. Diz o texto fallando de David, & de Ionatas: *Anima Ionatae conglutinata est anima David*: que a alma de Ionatas se atou a alma de David. De sorte que ainda que ambas as almas estauão atadas, a que se atou foi a de Ionatas a David, & não a de David a Ionatas. Aduirtio o agudamẽte S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferre praestantioris erat, non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem ut vinculis expedire se quodam modo non posset*. E como Ionatas se atou a David, & David a Ionatas nam; por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a David. Porque Principe, como Ionatas, que ata a sua vontade à vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talẽto de Rey: & vassallo, como David, que nam sabe atar a sua vontade, à vontade doutrem, ainda que seja hum Principe este tem talento de Rey, nam tem talẽto de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades; seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor David. Rey que tenha a vontade atada a outrem nam fas isso Deus.

E porque rezam importa tanto, que o Principe não seja foyto à vontade alhea? Por duas rescoens; hũa da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porque não he Rey, he subdito: da parte do Reyno, porque não he Reyno, he confusam. Começemos por este segũdo. Quan-

Quando o Sol parou às vozes de Iosué, aconteceram no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o movimento celeste, considerão os Philosophos. As plantas por todo aquelle tempo não crefferão: as calidades dos elementos, & dos mistos não se alterarão: a geração, & corrupção, com que se conserva o mudo, cessou: as artes, & os exercicios humanos de hum, & outro emisferio estive-
rão suspensos: os antipodas não trabalhauão, porque lhe faltaua a luz: os de cima cansados de tam comprido dia deixauão o trabalho: estes palmados de verem o Sol que se não mouia: aquelles tambem palmados de esperarem pello Sol, q não chegaua: cuidauão, q se acabara para elles a luz: imaginauão que se acabaua o mundo: tudo eraão lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusões. Que he isto? quem desordenou a compostura do Vniuerso? quem descompoz a harmonia da natureza? donde tanta desordem, donde tanta confusão ao mundo? Sabeis dô-de? A escriptura o disse em duas palavras. *Obediente Domino* *uoci hominis*: obedecendo Deos a voz de hum homem. E em hum mundo onde Iosue manda, & Deos obedece: em hum mundo onde manda o criado, que auia de obedecer, & obedece o Senhor que auia de mandar; que muyto que aja confusões, que aja desordens, que aja descomposturas: que muyto que na la creça, que nada se obre, q tudo vá para tras: que muyto que os de cima triunfem, & os debaixo chorê: & q nascêdo o Sol para todos, os de cima leuê todas as luzes, & os de baixo todas as treuas?

Iosue 10.

Com grandes exemplos destes se tem infamado o mudo em todas as idades, & sem pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nê de Tiberio os nossos olhos são boas testemunhas. Nôs o vimos, & nós o vemos. Pergunto, Portuguezes, vós que vistes o que padecestes, vos que vedes o q gozais, dôde veo tâta differença em tam poucos annos? A differença não a pondero, porque a vê os olhos; a causa porque a vem, he sò o que pergunto. Sabeis porq? porque então tinhamos hum Rey sogeito a hũa vontade

alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alhea & mais da sua: então tínhamos hũ Rey cativo, hoje temos hum Rey liure: então tínhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: então tínhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo [& he a segunda rezaõ] porque o Rey fogeito a vontade alhea não he senhor. He Rey subdito, he Rey não Rey.

Quando Christo foi leuado ante Pilatos, perguntou elle aos ministros daquella Iustiça: *quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* que quereis que faça do Rey dos Iudeos? Responderão os Escribas, & Farisus: *tolle, & ille crucifige eum:* quere-mos que o crucifigues. E que fes Pilatos? *Tradidit cum voluntati eorum:* entregou o a vontade delles. Pergũto agora, quem fes mayor iniuria a Christo em quanto Rey do Iudeos, os Escribas, & Fariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissão? os Escribas em o pedirem para a Cruz, ou Pilatos em o entregar à sua vôtade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos, & cõ muyta rezaõ. Muyto mayor iniuria fes Pilatos a Christo em sua permissão do que os Fariseus em sua petição. Porque os Fariseus no que pedião, mostrauão que Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos no que permitia mostraua, que Christo não era Rey verdadeiro. Os Fariseus mostrauão, que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo para a Cruz, & não ha mayor proua de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permitia mostraua, que não era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo á vôtade dos seus, & não ha melhor proua de não ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue a vontade alhea: *Tradidit cum voluntati eorum.* E se não veiamos o que se seguiu. Tanto que Pilatos entregou a Christo a vontade delles, immediatamente o vestirão de hũa purpura de farça, deramlhe hum sceptro de cana, puzeramlhe hũa coroa de espinhos, & faziaõlhe grãdes adorações zombado: *illudebant ei dicentes, Ave Rex Iudeorum.* De maneira que

que antes de Christo estar foyeito á vontade alhea, ainda em suas bocas, era verdadeiro Rey: *Quid vultis faciam de Rege Indorum?* Mas tão to q o entregaraõ a vôtade alhea, logo foi Rey de farça, & de zôbaria: *illudebant ei dicentes Aue Rex Indorũ.* Rey entregue a vôtade doutrrẽ, terã purpura, terã sceptro, terã coroa, terã adoraçoẽs, mas a pupura não he purpura, o sceptro he cana, a Coroa espinhos as adoraçoẽs zombarias: *Illudebat ei dicentes Aue Rex Indorũ.* E como he tam grande calidade de Rey ter a vontade sua, & não foyeita; por isso o Anjo chamou a S. Ioseph filho del Rey David, quando o vio tam isento senhor de sua vontade, q era seu o querer, & o não querer: *cum mollet eam traducere voluit dimittere eam.*

Hec autem eo cogitante. Resoluto S. Ioseph a deixar sua esposa, diz o texto, q andava o Sãoto considerando: *Hec autem eo cogitante.* Esta consideração de S. Ioseph me da muyto q cõsiderar, & q reparar. Não estava ja o Sãoto deliberado, & resoluto? Sy estava; que isso quer dizer aquelle: *voluit:* deliberação da vôtade. Pois se a vôtade estava deliberada, & resoluta, que he o que considerava Ioseph? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou deuem fazer todos, mas depois de resolver considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importácia (qual esta era) hamse de considerar antes, & mais depois. Antes de resolver hase de considerar o caso, depois de resolver hase de considerar a resolução. Esta differença acho entre a Filosofhia natural, & a moral, & politica; que a Filosofhia natural pedẽ hum conhecimento antes da deliberação: *Nihil volitum quin pra-* Prolog.
cognitum; a Filosofhia moral, & politica pede hum conhecimento antes, & outro depois: hum conhecimento antẽs, que guie a vontade a tomar a resolução, & outro conhecimento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assim o fes Sam Ioseph. Conheceu, & considerou primeiro, & logo resolveo: *voluit;* & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a considerar: *Hec autem eo cogitante.*

Genf. 3.

Peccou Adam, escondeuse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andava o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraizo: *Audivit vocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos; porque o fallar consigo encontrava o attributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte para a outra encontrava o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois que obriga a Deos a fallar consigo contra o attributo de infinitamente sabio? que obriga a Deos a passear de hũa para outra parte, contra o attributo de immutavel, ou immovel? Se vinha castigar a Adam, por que o não castiga? Se vinha desterralo do Paraizo, porque o não desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos cõsiderar primeiro. Por isso passeava sò, como pêsatiuo: por isso falava consigo, como irrefoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como avia procedido em o fazer. Quando o fes, fello com cõselho: *Faciamus hominẽ*: quando o desfes, desfello cõ cõsideração: *Audivit vocẽ Dei deambulantis*. Passear Deos de hũa para outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão honra. Com Deos ser por natureza immovel, & immutavel, honrase muyto de aver hũa cousa, que o possa mudar, & mouer, que he a rezão. E como no caso de Adam havia rezões por hũa, & outra parte, por isso passeava Deos, & se movia de hũa parte para a outra, porque de hũa, & outra parte havia rezoẽs, que o movessem. As rezões, que havia para castigar, o leuauão: as rezoẽs, que havia para perdoar, o trasião. Que me desobedeceffe Adam! Heide castigalo. Esta rezaõ o leuava. Que haja de deitar do Paraizo hum homẽ, que ainda agora pus nelle! Não o heide castigar: Esta rezaõ o trazia. Fazer hũ homẽ de nada, foi credito de minha bõdade: desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçã, parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoelhe. Virava Deos o passeio. Mas que hum homem leuãdo de nada se atreueffe contra quem o criou! he grande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada, por hũa

hũa maçã, arrastasse tantos respeitos ! he grande engrati-
dão. Não lhe hei de perdoar. Tornava a voltar Deos, & ir
por diante. De maneira que assi andava o Supremo Rey,
como fluctuando de hũa razão, para outra; considerando
antes de resolver, & depois de resolver tornando a confi-
derar. Bem assi como S. Ioseph neste cazo . Hũa vez sobre
considerado resolutto, & outra vez sobre resolutto confi-
derado: *Hac autem eo cogitante.*

Se fora noutra materia não me espantara muyto, mas
ê materia de ciumes, ê materia, em que lhe não hia menos
que honra, & amor, que não se arrojasse Ioseph, que não se
precipitasse ! grande capacidade de animo. La diz Christo Matth. 13.
que se hũ cego guia outro cego ambos se despenhão: *Cecus si ceco ducatũ praestet, nõ ne ambo infoneã cadent ?* Aqui gui-
ou hum cego a outro cego, & não se despenhou nenhum.
O ciume guiava a Ioseph, o amor guiava o ciume, & sen-
do cego o ciume, & cego o amor, não foraõ bastantes do-
us affectos cegos, & tam cegos para que a prudencia de S.
Ioseph se precipitasse. Disse affectos cegos, & tam cegos;
porque os ciumes de S. Ioseph erã fundados nas euidẽ-
cias do que vira, & não ha mais perigosas cegueiras, q as q
tem da sua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos guia-
uão a Ioseph neste cazo, ó que occasiam para hum preci-
picio ! & que elle se tiuesse tão firme nos estribos de sua
prudencia; que nem a vista lhe deslumbraße a cegeira, nẽ
a cegeira lhe escurecetße a vista, para que se arrojasse ! grã-
de valor . Mas era Ioseph filho de David, & quem tinha
tanto de Rey, como auia de ser arroiado ?

Quizeraõ matar a Christo os de Cafarnaum, & com este
intento o leuarão a hum monte alto, para dahi o despe-
nharem. Qué faria Christo neste passo ? Fesse inuisiuel; &
passando occulto pelo meyo delles, escapou de suas mã-
os. Senhor, q resolução he esta ? Vos não vistes ao mudo
a morrer pelos homens ? Si vistes . Morrer a mãos dos Luc. 4.
mesmos, por quem se morré, ainda he mayor credito do
amor ; que seja o instrumento quem he a causa . Pois se
tendes

Math. 45.

tendes tão boa occasião de dar a vida , porque a não lo-
grais? Porque fogis da morte? Direi, Christo Senhor nos-
so no dia de sua morte tinha determinado tomar o titulo
de Rey , deque na vida fogira : estes homens queriamno
matar arrojando de hum monte abaixo : *Vt precipitarent*
eum; pois por isso o Senhor ainda que dezeiasse muyto
morrer, não admitio este genero de morte: porque não di-
zia bem a acção de arrojado com o titulo de Rey. Rey, &
crucificado, isso sy: que affas cruz, he o Reynar; mas Rey
& arrojado não: porque encontra o titulo dessa Cruz . Là
outra ves o diabo aconselhou a Christo que se arrojasse el-
le: *mitte te deorsum*. Estes homens aqui quizeramno arrojar
com suas mãos: *ut precipitarent eum*. Mas Christo, nê se so-
geitou a esta violencia, nem quis tomar aquelle conselho;
porque o Principe, nê se hade arrojar a sy, nem o hade ar-
rojar outrem. Nem por impeto proprio, nem por impulso
alheio. E como he tão grande parte de Rey não ser arroja-
do, por isso S. Ioseph o foy tão pouco nesta occasiõ , que
o achou o Anjo temeroso, quando o pudera achar temera-
rio. *Ioseph fili David noli timere*. O que glorioso não temas!
que deão Anjos asoegar temores em lanço, que deueraõ
decer a resistir temeridades? Mas assi obra quem assi con-
sidera, & assi considera, quem he filho de Dauid. *Hec autem*
eo cogitante.

Euth.

La reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo*. *Hec*
autē [eo] cogitāte. Com ser hũa palaura de sòs duas letras, tẽ
muyto, que reparar . Diz o Evangelista, que as considera-
ções que Ioseph fazia sobre este cazo, elle as discorria
configo: *eo*, elle . Muito pondera Euthimio que as não
communicasse com outrem, & tem resão. Porque o cuidado
& afflicção de S. Ioseph auia mister aliuio, & remedio, o a-
liuio estaua na cõmunicação, o remedio no conselho: pois
porque se não aconselha S. Ioseph num caso tam duuido-
so, porque o nam communica com outrem? Porque em
materias grandes (como era esta) muytas vezes importa
mais o segredo, que a resoluçam. E negocio em que im-
portaua

tanto o segredo, não fora S. Ioseph filho de Dauid se a communica com outrem. Materias em que pode ser perigosa a falta do segredo, não haõ de sair do peito do Principe nẽ para o mayor valido, nem para o mayor confidente, nem para o mayor amigo.

He certo, que perguntou S. Ioaõ a Christo quem era o traidor que o auia de entregar: he certo que Christo lhe respondeo: he certo que dormio reclinado em seu peito S. Ioaõ; mas não he certo quando adormeceu. Pergunto, em que ponto adormeceu S. Ioaõ? Dizem algũs Doutores, q̃ adormeceu tanto, que acabou de preguntar; de maneira q̃ quando Christo respondeo, já S. Ioaõ estaua dormindo. Fũ daõ este parecer no text; porque diz absolutamente que nenhũ dos que estauam á mesa soube o que Christo disse. *Hoc autem nemo sciuit descumbentium*. Se nenhum: logo, nem S. Ioaõ. E se Sam Ioaõ, a quem se disse, o não ouuio: logo já estaua dormindo. Pois que mysteriõ tene este sono subito? Que em tal occasiã não podia ser a caso. Porque adormeceu S. Ioaõ á resposta de Christo? O mysterio foy este. Viõ Christo Senhor nosso naquella occasiã como em talas contrãgião a faltar a hũa de duas: ou ao respeito de amigo, ou a obrigação de Rey. Senão digo a Ioaõ o q̃ me pergunta, salto aos respeitos de amigo: se descubro hũ segredo de tanta importancia, salto ás obrigações de Rey: pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segredo? O remedio foy, ordenar Christo, que S. Ioaõ adormecesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouuir o mesmo q̃ lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satifazendo jutamente as obrigações de Rey, & aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo, porque respõdeo ao que Ioaõ lhe perguntara: & as obrigações de Rey, porque não communicou o que conuinha encobrirse. De sorte que na boca de Christo, & nos ouvidos de S. Ioaõ est ue o segredo juntamente encuberto, & reuellado: Reuellado na boca de Christo, como segredo de amigo; encuberto nos ouvidos de Ioaõ, como segredo de Rey. Tanto deuem os

Príncipes recatar algum segredo, ainda dos mayores privados, qual era Ioaõ. E senão considerem-se os inconvenientes que do contrario se seguiam. Se o Senhor descubria o segredo a Ioaõ, Ioaõ auia de dizer a Pedro, q para isso o perguntava: se Ioaõ o dizia a Pedro, Pedro auia de natar a Iudas, q a esse fim o queria conhecer: se Pedro mataua a Iudas, não se executaua a veda, & morte de Christo: & não morrendo Christo ficaua impedido o remedio do mundo, o genero humano sem redenção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha mayores incôuenientes? De maneira q de se conservar aquelle segredo, q não parecia nada, dependeo a conseruação do imperio de Christo. Nam importa menos hum segredo que hum imperio.

Tanto que Christo espirou, rasgouse o véo do templo, em final de que tambem a sinagoga espiraua, & se acabaua
Matth. 27. a Monarchia Hebræa. Affi o dizẽ todos os Doutores; mas eu replico. O final sempre hade ter proporção com o que significa, & muita, se he natural: pois que proporção tinha rasgar-se o véo do templo com se auer de acabar o imperio da Sinagoga? Grande proporção diz Sam Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus Summus Pontifex iussus fuerat intrare, reseratum est.* Aquelle véo do templo era a cortina que cobria o Sancta sanctorum, onde estauão escôdidos os seceros, & mysterios daquella ley, vedados a todos, & sò ao Sũmo Sacerdotes permitidos: & por isso tinha grãde proporção rasgar-se o véo do tẽplo para significar q se acabaua a Sinagoga; porque não ha mais proprio final de se acabar hum imperio, hũa monarchia, q romperem-se as cortinas dos seus mysterios, & rasgarem-se os véos de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sustentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiro: & se se manifestam seus mysterios, mal os defendẽ suas verdades. A opinião he a vida dos imperios, o segredo he a alma da opinião. A preuenção sabida ameaça a hũa sò parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendẽ a attenção do inimigo, manifestos laõ a guia mais segura de lens acertos.

certos. Reyno cujas seleções primeiro forẽ publicas, q̃ executadas; ò q̃ perigosa cõjeitura tẽ de sua conseruação!

Que bem entendia esta politica elRey David. Leuantou se Absalão com o Reyno, começou a fazer grandes le- 2. Reg. 15. uas de gente, grandes exercitos contra Dauid; & Dauid q̃ faria contra Absalão? Chamou Chusay hum grande seu conselheiro, disse-lhe, que se passasse a confidencia de Absalão, & que como fosse admitido aos conselhos, lhe reuelasse, por vias occultas, tudo o que lá passasse: *Omne verbum quodcumq̃, audieris de domo regis indicabis*. Isto fez Dauid, & não fez mais. Pois Dauid; se vem contra vós, tão numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E já que vos descuidais destas preuenções, a q̃ fim mandais lá Chusay? Que ha de fazer hum homẽ cõtra Absalão? Obrou Dauid como soldado tão experimentado, & como Rey tão politico. Querẽdose opor ao poder de Absalão, tratou sobre tudo de lhe meter hum confidente seu no conselho, porque entendeu que mayor guerra fazia a Absalão cõ hũ homẽ q̃ lhe rõpesse os seus segredos, q̃ cõ muitos mil homẽs, q̃ lhe rompessem os seus exercitos. Hũ exercito roto pode e refazer; mas hũ segredo roto não se pode remediar. Hũ exercito roto pode se refazer com soldados, hum segredo roto não se pode soldar com exercitos. Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quanto Sansam encobrio o segredo dos seus cabellos, destruiu exercitos inteiros; como descobrio o segredo a Dalida, cortaram-lhe os cabellos os Filisteus, & poderão atar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes forão vencidos. O q̃ grande exemplo do poder do segredo! De maneira que se te cabellos, com segredo, fazião tremer exercitos armados; & esse mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados, sem segredo, bastou hum golpe de hũa tesoura para o desbaratar. Por isso Dauid contra Absalão tratou de lhe conquistar os segredos, & não de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimação fazia de hũ segredo Dauid, porq̃ era Rey, Judic. 16.

que muito que fizesse tanta estimacão do segredo Ioseph, porque era filho de David? *Ioseph fili David.*

Matth c. Fez tão grande estimacão do segredo S. Ioseph, q nam sòmente o não fiou de outrem, mas tambem não o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, não sò o auemos de recatar dos outros, mas tambem o auemos de recatar de nòs. O meu segredo há o de saber algũa parte de mi, mas todo eu não o hei de saber. Hei de fazer hum repartimêto entre eu, & mi, & se o souber ametade de mi, nam o hade saber a outra ametade. Parece doutrina paradoxo, & he conselho expresso de Christo. *Cum facis eleemosinam nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.* Quando fizeres algũa esmolla com a mão direita, nam o saiba a mão esquerda. Pergunto; & porque nam disse Christo, quando fizeres algũa esmolla com a mão esquerda, nam o saiba a mão direita? Porque a mão direita he mais nobre, a mão esquerda menos: & da mais nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguém; mas auendo de ser, às mayores calidades. Diz, pois, Christo: O que souber a mão direita, não o saiba a esquerda. Como se dislera: Aueis de fazer hum repartimento entre vòs, & vòs, & o segredo que souber aquella ametade que chega da mão direita até o coração, nam o saiba a outra ametade, que chega do coração até a mão esquerda. Assi o fez Sam Ioseph. O seu segredo sabia o parte de Sam Ioseph; mas todo Sam Ioseph nam o sabia. Sabia o a parte mais nobre d'alma, cõ suas potencias; mas não o sabia a parte menos nobre do corpo cõ seus sêtidos. Sabião o as potencias d'alma, porque o sabia a vontade, *Voluit*, & o entendimento, *Cogitante*; mas nam o sabiam os sêtidos do corpo, porque nẽ a boca o pronũciou, nẽ os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se vio indicio. Donde se verá a razam porque o Anjo appareceo a Sam Ioseph em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E porque nam acordado, senam dormindo? Porque como Sam Ioseph fiara o segredo sò às potencias d'alma

d'alma, & nam aos sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estivessem dormindo para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini aperuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat ipse confessus, sed inclusum tantummodo mente volubat;* disse aduertidamente S. Ioaõ Chrylostomo. Tanto recato guardou S. Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo.

Hec autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph. Estando Sam Ioseph cuidando nestas cousas, appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Euangelista. Notauel consequência! Se sonhaua, logo dormia, & se dormia como cuidaua? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estaua cuidando: *Hec autem eo cogitante;* como estaua juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph?* Dormia, & mais cuidana Sam Ipseph, porque era filho de Daud. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homẽs; que os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desuelado, he hum dormir cuidadoso, hum descansar inquieto, hum desatender aduertido, hum descuidarse vigiando. Nos outros homẽs o sono he prisma dos sentidos; nos Reys he dissimulação sòmente. Por isso ao Leaõ lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coraçam. *Ego dormio, & cor meum vigilat:* dizia o Rey mais sabio.

Dormindo estaua Faraó, quando vio aquelle sonho admirauel das sete vacas fracas, q comiaõ as sete robustas, em q se significanaõ os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q auiam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietauam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes leuaua Pharaó adiantado o gouerno de seus vassallos, & já entam sonhaua cõ seus bẽs, & o desuellanaõ seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homẽs, o sono he hũa morte: nos Principes, o sono sam duas vidas. Pharaó acordado viuia no tempo presente, dormindo vi-

uia no presente, & mais no futuro: no presente por duram-
cam, no futuro por cuidado . Mais via Pharaõ dormindo
com os olhos fechados, que acordado com os olhos abert-
tos: acordado com os olhos abertos via o que já era, dor-
mindo cõ os olhos fechados, via o q̃ ainda não era, ò por-
que auia de ser . Fechou os olhos para dobrar a esfera da
vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar, cõ
os olhos fechados alcançaua grandes distancias de tempo.
Assi dormia o Rey do Egypto Pharaõ. E o Rey dos Affi-
rios Nabuco como dormia? Dormia sonhando com o seu
Reyno, & com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella
prodigiosa estatua, que representaua os quatro Imperios
dos Affirios, dos Persas, dos Gregos , & dos Romanos ; o
corpo estaua descuidado, com os sentidos presos, & a alma
andaua cuidadosa, leuantando, & derrubando estatuas, fã-
tasiando Reynos, & Monarchias. Mais fazia Nabucodonosor
dormindo, que acordado : porque acordado cuidaua
no gouerno de hũ Reyno, & dormindo imaginaua na su-
cessão de quatro . Pois se Nabuco era Rey dos Affirios,
quem o metia com o Imperio dos Persas, com o dos Gre-
gos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio
que tinha. Era Rey, & quem quer conseruar o Reyno pro-
prio hade sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha
ter cuidado, & os Réynos alheos lhe haõ de dar cuidado.
Ninguem gouernou bem o seu Reyno, que não attendesse
ao gouerno de todos. O bom Rey tem por esfera o mudo.
He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os
Réynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuidar naõ he
contrariedade nos Reys, senaõ natureza, ou obrigaçam
quando menos; tendo Sam Ioseph tanto de Rey , não he
muyto que estiuessse cuidando, & dormindo juntamente.
*Hæc autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis
Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tanto de que Sam Ioseph dor-
mindo cuidasse, senaõ de que cuidado dormisse. Que dor-
mindo pudesse ter tais cuidados não me espanta, mas que
tendo

tê lo tais cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrô S. Iosepha a realza de seu animo em dominio poder ter tais cuidados, como em têdo tais cuidados poder dormir. No meio dos maiores cuidados ter magnanimidade de coraço para dar algũ aliuio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurou se Christo no monte Tabor, dando hum bom dia a sua humauidade sagrada, o melhor que nesta vida teue; e cam em que sempre reparei muito, nam tão pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo em q Christo se transfigurou foy quando trazia mais entre mãs os negocios da redempçam do mundo, & andaua em vesporas de a coclair, como bem mostraram as praticas que teue cõ Moyfes, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hũ negocio de tanta importancia entre as mãs, se andais em vesporas de concluir não menos, que a redençaõ do mundo, como vos ides ao retiro do monte Tabor? Como tomais horas de recreaço? Como vos pondeis a ouuir vozes do Ceo? No meio de tão grandes cuidados esse diuertimêto? Si. Foy Ch isto alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente trataua o negocio da redempçaõ, para mostrar que não he contra a obrigaço de Rey, nẽ de Redemptor, no meio dos maiores cuidados tomar hum dia de monte. *Duci in montana pars regni est*: disse discretamente S. Hieronymo. Tomar hum dia de monte, tomar hũa hora de recreaço, no meio dos maiores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambiçaõ de trabalho, qne desejo de descanso. Quando as potências d'alma estaõ tão fatigadas, justo he que se dê algum aliuio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palauras do Santo *Pars regni est*. Se diffiera S. Hieronymo, que os moderados passatempos, sam priuilegios das magestades: se diffiera, que sam gages do poder supremo: que saõ diuertimentos licita, & honestamente soberanos; bem estaua. Mas dizer, que sam calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est*? Si. Porque o principal attributo de reynar he at-

Matth 17.

D. Hieron.

tender ao cuidado do Reyno; & tambem he parte de at-
tender aos cuidados, descuidar-se por hum hora delles. Pa-
ra digerir onegocio, he necessario desafogar o animo: parte
he logo de cuidado o diuertir-se, quando o recrear os sen-
tidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra
proua mais q̃ a do nosso Euangelho. Dous estados teue São
Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imagi-
naua, outro de diuertido quando dormia. Pergũto. E quã-
do resolveo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe da-
ua? Quando? Quando se diuertio hum ponco delle. Quan-
do cuidadoso imaginaua, tudo eram duuidas, tudo escrup-
ulos, tudo perplexidades: quando se diuertio hum pouco
dormindo, serenaram-se as tempestades do animo, & desfez
a verdade a cõfusão, que o trazia perplexo. De maneira q̃
o demasiado cuidado lhe embaraçaua a resolução, & o mo-
derado descânço lhe resolveo o cuidado. Quando deu a
recreação aos sentidos, entam achou a soluçam dos nego-
cios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E como
tambẽ he parte de Rey, no meio dos maiores cuidados, to-
mar algũ descânço; por isso o Anjo quãdo achou dormindo
a S. Ioseph, no meyo dos seus, lhe chamou filho del Rey
David. *Ioseph fili David noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta,
que foi: Para que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey ca-
lidades, & perfeições reaes. Na applicaçam dellas se me of-
ferencia agora larga materia a hum agradauel discurso, se
prẽgara n'outro lugar. Mas aconteece-me hoje o que a Plin-
nio cõ a Magestade de Trajano, que a presença de tão mo-
derado Principe lhe impedia a melhor parte de sua oração
quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam of-
fender cõ o discurso sua modestia. *Orationem meam ad mo-
destiam Principis moderationemq̃ sub mittam, nec minus conside-
rabo quid aures eius pati possint quam quod virtutibus debeat.*
E allĩ para q̃ os lououres sejaõ só de S. Ioseph; & para q̃ se-
nam falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido
das grandes obrigaçoens que lhe deuemos; saibamos que
nam

nam só foram influencias deste benigno Planeta as calidades do nascimento, senão a conseruação da vida, que sua Magestade logre por compridissimos annos para que contemos muytos dias destes. Nenhum Rey teue mais arriscada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys que no nascimento de Christo o adoraraõ; porque estauão debaixo da jurdição de Herodes, & sogeitos ás temeridades de sua tyrannia. Cõ tudo Deos os leuou por taes caminhos, que elles cõseruaraõ as vidas, & se restituiram a seus Reynos. Mas porque merecimentos? Ouui hũas palavras de sã Hieronymo de poucos atẽ hoje bem entendidas. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum Dominũ ut meritorum Ioseph priuilegium demonstraretur.* Ensinou-lhes *Math. I.* Deos immediatamente o caminho por onde se hauiam de restituir saluos a seus Reynos, porque se vissem os priuilegios de S. Ioseph: *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.* Saluarem-se os Reys a pezar do tyranno priuilegio dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como diz S. Hieronymo, que não foy senão priuilegio de S. Ioseph: *Vt priuilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Ioseph era do Real sangue de Dauid, ainda por força natural do sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao patrocínio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os Reys, fallo pelos priuilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy o beneficio, mas de S. Ioseph foy o priuilegio. *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.* Assim que conseruar S. Magestade a vida, a pezar do tyranno dentro em suas proprias terras, & restituir-se a seu Reyno por caminhos tão outros do que se podia esperar: *Per aliã viã reuersi sunt in regionem suã;* fortunas sã de S. Magestade, mas foram priuilegios de S. Ioseph. *Vt Ioseph priuilegiũ demonstraretur.* A S. Ioseph deuemos a vida, & os annos do Rey q̃ nos deu em seu dia.

Mas quero eu, por fim, q̃ aduertamos, q̃ ainda q̃ n os deu o Rey, & os annos, mais lhe deuemos pelos annos, q̃ pelo Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeu por falta de Rey; perdeu-se por falta de annos. Nam se perdeu

por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeo: nas mãos del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porem por falta de annos; porque el Rey Dom Henrique tinha tantos annos, que nos nam pode deixar successor: & el Rey Dom Sebastiam tinha tam poucos, que sem nos deixar successor se fi y matar a Africa. E como o Reyno se perdeu por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam deuemos tanto a Sam Ioseph pelo Rey como pelos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o hauíamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque auia mister mais annos o gouerno: nem tantos annos como os del Rey D. Henrique, porque hauia mister menos annos a successam. Hum Rey que tuellse viuido os annos que bastassem para a esperiencia, & q̃ lhe faltassem por viuer os annos, que são necessários para a conseruação. Annos maduros para o cōselho, efficaces para a execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos; que de baixo do patrocínio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tēpo. Pharaõ sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocínio de Ioseph, & todos os quatorse annos foram de fartura. De maneira q̃ na preuisão do Rey auia annos felices, & infelices; mas na protecção de Ioseph os felices, & os infelices todos foram ditos. Assim seraõ os annos q̃ esperamos (por mais q̃ o mūdo padeça calamidades) felices todos por fauor de S. Ioseph: felices na vida de Ss. Magestades, & Altezas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na cōseruaçam, & perpetuidade do nosso Reyno: felices em fim na reformação dos costumes, & augmēto das virtudes Christãs, por meyo da
 graça. *Quam mihi, &
 vobis, &c.*

L A V S D E O.

T Axam este Sermam em reis.
Lisboa 22. de Outubro de 1644.

Coelho.

Menezes.

72-177
26 May 1972
R. C. Ramer

CA644

V6585

